

# **FÁBULAS: A FICÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO CRÍTICA DO LEITOR EM SALA DE AULA À LUZ DA PSICANÁLISE**

Teoniza Leite Amorim  
Ana Lúcia de L. M. Galvão

Resumo:

O presente trabalho versa sobre “FÁBULAS: A FICÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO CRÍTICA DO LEITOR EM SALA DE AULA À LUZ DA PSICANÁLISE ” e reflete sobre a importância do trabalho que o professor pode desenvolver priorizando o uso da leitura e da escrita de textos em sala de aula. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi analisar a contribuição da psicanálise perante as fábulas na formação de leitores críticos na sala de aula da educação básica do ensino fundamental, buscando compreender se essas práticas ajudam a formar o aluno leitor. Dessa forma, o interesse em pesquisar os gêneros textuais surgiu da curiosidade em saber como os gêneros podem ajudar a construir o leitor crítico e a motivar os alunos do ensino fundamental para a leitura. Como suporte teórico para a análise desta investigação, recorreremos à teoria bakhtiniana do gênero do discurso, a análise e crítica literária de autores que estão inseridos neste contexto, tais como: Afrânio Coutinho, Nelly Novaes Coelho, Maria das Graças Vieira, Rogel, Samuel, Hênio Tavares, Vicente de Paula Ataíde, Paulo Freire, Luis Antonio Marcushi, Ezequiel T. Silva, Monteiro Lobato, Freud, Jung, Lacan, entre outros que constituem referências indispensáveis a quem se propõe estudar a fábula como representação das criações ficcionais e literárias pelo viés psicanalítico. Sendo assim, aconselhamos aos professores aliar a suas práticas efetivas um discurso inovador incorporando atividades constantes de leitura com o uso dos gêneros, deixando o aluno como o centro da prática educativa e que ele adquira uma postura crítica para se tornar um cidadão pleno e consciente do seu papel no dia a dia na sociedade. É importante que os professores saibam que, muito do que consideramos equívocos são práticas que podem ser repensadas a partir de suas experiências cotidianas, do contato com outras leituras.

Palavras Chave: Fábulas, Ficção, Psicanálise, Gêneros.

## Introdução

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre “Fábulas: A Ficção no Processo de Construção Crítica do Leitor em Sala de Aula á Luz da Psicanálise”- e reflete sobre a importância do trabalho que o professor pode desenvolver, priorizando o uso da leitura e da escrita de textos em sala de aula. Sendo assim, a proposta deste trabalho é analisar a contribuição da psicanálise perante as fábulas na formação de leitores críticos na sala de aula do ensino fundamental, buscando compreender se essas práticas ajudam a formar o aluno leitor.

Dessa forma, o interesse em pesquisar as fábulas (gêneros textuais) surgiu da minha prática escolar como pedagoga, hora atuando como orientadora educacional e coordenadora pedagógica e, como já trabalho com a diversidade de gêneros textuais tive então, a curiosidade em saber como os gêneros podem ajudar o professor a construir o leitor crítico e a motivar os alunos do ensino fundamental para a leitura.

Como suporte teórico para a investigação do nosso objeto de estudo, recorreremos a teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso e a análise e crítica literária de autores que estão inseridos neste contexto, tais como: Afrânio Coutinho, Nelly Novaes Coelho, Maria das Graças Vieira, Rogel, Samuel, Hênio Tavares, Vicente de Paula Ataíde, Paulo Freire, Luis Antonio Marcushi, Ezequiel T. Silva, Monteiro Lobato, Kleiman, Freud, Jung, Lacan, entre outros que constituem referências indispensáveis a quem se propõe estudar a fábula como representação das criações ficcionais e literárias.

Para o desenvolvimento deste trabalho optamos por uma metodologia que leva em consideração os aspectos qualitativos, por considerá-lo relevante para as pesquisas realizadas na área das Ciências humanas e ainda possibilitar a descrição e a análise das práticas educativas dos professores relativas à utilização dos gêneros textuais em sala de aula. Entendemos que:

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p.49).

Porém, inicialmente, esta pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, na medida em que buscou maior aprimoramento a respeito do tema abordado por meio de pesquisa e leitura feita em livros, periódicos, textos e artigos disponibilizados na internet. Para tanto, foi utilizado contribuições de estudiosos que possibilitaram à construção de conhecimentos relevantes à prática educativa no que diz respeito às teorias sobre leitura e gêneros textuais.

### **Conceito de texto e gênero**

Atualmente, os conceitos utilizados para definir texto, ao contrário do pensamento tradicional difundido pela gramática normativa, orientam-se sob uma visão enunciativa e ou comunicativa na qual se busca ensinar os usos da linguagem ao invés de análise da língua. Texto (do latim textus, tecido) é toda construção cultural que adquire um significado devido a um sistema de códigos e convenções: um romance uma carta, uma palestra, um quadro, uma foto, uma tabela são atualizações desses sistemas de significados, podendo ser interpretados como textos. (KLEIMAN e MORAES,1999, p. 62).

Os textos organizam-se “a partir de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a esse ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino” (BRASIL, 1998, p. 23).

Por isso, a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso segundo Bakhtin (2010, p.262)

'são infinitas por que são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gênero do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve sua complexidade num determinado campo.

Assim, vale salientar a grande heterogeneidade dos gêneros do discurso sejam eles orais e ou escritos. Para Marcuschi (2003, p.3 - 4) “os gêneros textuais manifestam-se através da oralidade e da escrita, sendo materializados através de situações comunicativas recorrentes”. Na visão do autor, são os textos que circulam em nossa vida cotidiana com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizado por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas.

Nos Programas Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCNLP, a noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literalidade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado (BRASIL, 1998, p.22).

Dentre os inúmeros gêneros que circulam entre nós, podemos destacar: reportagem jornalística, canção, conto, telegrama, fábula, bilhete, receita culinária, curriculum vitae, bula de remédio, e-mail, artigo de opinião, poema, piada, carta,, aula expositiva, rótulos, lista de compras e assim por diante. Esses são apenas alguns exemplos. Desse modo, tendo em vista que esses textos são instrumentos comuns ao relacionamento das pessoas no dia a dia, temos de considerar outro fator de extrema relevância na atividade social: o contexto.

Quando contextualizamos o conhecimento, as informações transmitidas adquirem sentido mais amplo, o que possibilita maior assimilação dos conceitos abordados. Os gêneros não são enfocados apenas pelo viés estático do produto, mas principalmente pelo viés da produção. Isso significa dizer que a teoria estreita correlação entre os tipos de enunciados (gêneros) e suas funções na interação sócioverbal entre os tipos e o que fazemos com eles no interior de uma determinada atividade social: o contexto.

Segundo Faraco (2009, p.127), Bakhtin conceitua gêneros do discurso os tipos relativamente estáveis de enunciados que se elaboram no interior de cada esfera da atividade humana”. Face aos enfoques tradicionais da questão dos gêneros que privilegiavam as formas em si e chegavam a operar normativamente sobre sua reedificação, algumas observações são relevantes. Ao dizer que os tipos de gêneros são relativamente estáveis, Bakhtin (2010, p.127) enfatiza “a importância da historicidade dos gêneros e à necessária imprecisão de seus caracteres”. Historicidade significa chamar a atenção para o fato de os tipos não serem definidos de uma vez para sempre. Assim, o repertório de gêneros de cada atividade humana vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera social se desenvolve e fica mais complexa. Assim, Faraco (2009, p.128) comenta que Bakhtin articula uma compreensão dos gêneros que combina estabilidade e mudança; reiteração (à medida que aspectos da atividade recorrem ) e abertura para o novo ( à medida que aspectos da atividade mudam). Desse modo, o gênero renasce e se

renova em cada etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de certo gênero. É isso que constitui a vida do gênero.

Portanto, o gênero é um representante da memória criativa no processo do desenvolvimento literário e que precisamente por isso, o gênero é capaz de garantir a unidade e a ininterrupta continuidade de seu desenvolvimento, pois, os gêneros são considerados instrumentos de medir e de dar forma as produções de textos, viabilizando a materialização de uma atividade de linguagem. Além de conteúdos internos aos próprios gêneros, a própria seleção dos gêneros que deverão ser abordados ao longo das séries ou ciclos escolares possibilita a elaboração de uma progressão curricular mais articulada, algo praticamente inexistente nas escolas. Assim, considerando as diferentes culturas e comunidades existentes, os gêneros textuais ou discursivos utilizados para este fim dependerão das instituições sociais que os propõem ou exigem, isto é, cada gênero representará um contexto social determinado.

### **Linguagens das Fábulas**

Atualmente apesar de muitos incentivos à leitura, percebe-se ainda a falta da literatura infantil em muitos lares, pois as pessoas optam por fazer diversas coisas e acabam esquecendo a necessidade da criança em termos de atenção, carinho, desenvolvimento e aprendizagem.

Em consequência disso, as crianças participam mais do mundo real, do que de seu mundo infantil, o qual é de extrema necessidade para elas, ficando uma lacuna numa fase em que as crianças precisam viver suas fantasias e emoções.

Segundo Coelho (2009), o estudo da literatura relata que os primeiros contos destinados à criança, foram publicados na França no século XVII, por Charles Perrault, que as recolheu das lembranças do povo, dentre as mais conhecidas estão: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela e O pequeno Polegar.

Acrescenta-se também nesse quadro o intelectual Jean de La Fontaine, que se dedicou em resgatar histórias orais dos povos, na Grécia as Fábulas de Esopo, em Roma as Fábulas de Febro, parábolas da bíblia, coletâneas do oriente e narrativas medievais.

Pelo esforço de La Fontaine é que se tornou conhecido no mundo culto as fábulas: A Cigarra e a Formiga, A Raposa e as uvas, O Lobo e o Cordeiro, completando o que hoje se conhece como Fábulas de La Fontaine.

Mesmo a Literatura Infantil tendo surgido como gênero por meio de Charles Perrault, somente após cem anos no século XVIII, na Alemanha e com as contribuições dos irmãos Grimm, que recolheram dos povos, narrativas, lendas e sagas formaram-se o que é chamada hoje de Literatura Clássica Infantil.

Mesmo a Literatura Infantil tendo surgido como gênero por meio de Charles Perrault, somente após cem anos no século XVIII, na Alemanha e com as contribuições dos irmãos Grimm, que recolheram dos povos, narrativas, lendas e sagas formaram-se o que é chamada hoje de Literatura Clássica Infantil.

Esses grandes números de livros que compuseram o acervo da Literatura Infantil só se completaram décadas mais tarde com as 168 obras do dinamarquês Hans Christian Andersen, publicadas por volta de 1835 e 1877.

Andersen torna-se importante devido falar às crianças amorosamente, ensinando o caminho da crença cristã, em que a vida é uma espécie de provação que todos precisam passar para chegarem ao céu. Seus contos abordam também a realidade vivenciada no dia-a-dia, como as injustiças existentes na sociedade, sendo esse o motivo de seus contos serem tristes no final, os mais conhecidos são O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, O Soldadinho de Chumbo e A Pequena Vendedora de Fósforos.

O folclore tem sido a grande matriz da literatura infantil, não só pelo fabuloso, mas pelo trato dos assuntos e talvez por aquela semelhança entre a mentalidade infantil e a primitiva. Os seres sobrenaturais, fadas, bruxas, ogros, gnomos, gigantes, os objetos mágicos tocados de sortilégios, as metamorfoses e o animismo que humanisa todas as coisas, as estórias de bichos faladores, todo esse mundo é uma permanente atração para as crianças.

A fábula é uma história narrativa que surgiu no Oriente, mas foi particularmente desenvolvido por um escravo chamado Esopo, que viveu no século VI a.C., na Grécia antiga. Esopo inventava histórias em que os animais eram os personagens. Por meio dos diálogos entre os bichos e das situações que os envolviam, ele procurava transmitir sabedoria de carácter moral ao homem. Assim, os animais, nas fábulas, tornam-se exemplos para o ser humano. Cada bicho simboliza algum aspecto ou qualidade do homem como, por exemplo, o leão

representa a força; a raposa, a astúcia; a formiga, o trabalho etc. É uma narrativa inverossímil, com fundo didático. Quando os personagens são seres inanimados, objetos, a fábula recebe o nome de apólogo. A temática é variada e contempla tópicos como a vitória da fraqueza sobre a força, da bondade sobre a astúcia e a derrota de preguiçosos.

A fábula já era cultivada entre assírios e babilônios, no entanto foi o grego Esopo quem consagrou o gênero. La Fontaine foi outro grande fabulista, imprimindo à fábula grande refinamento. George Orwell, com sua "Revolução dos Bichos" (Animal Farm), compôs uma fábula (embora em um sentido mais amplo e de sátira política).

As literaturas portuguesa e brasileira também cultivaram o gênero com

- Sá de Miranda,
- Diogo Bernardes,
- Manoel de Melo,
- Bocage,
- Monteiro Lobato (que escreveu um livro infantil sobre o assunto) e

outros.

Uma fábula é um conto em que as personagens falam sendo animais e que há sempre uma frase a ensinar-nos alguma coisa para não cometermos erros.

As fábulas são narrativas curtas, na qual os personagens são animais e nelas sempre no final mostra uma lição de moral.

## **A leitura e os gêneros textuais**

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz crescimento. Assim, só pela leitura, acreditamos que, o homem será capaz de apropriar-se do que lhe é de direito e conscientizar-se do que deve conservar e preservar no mundo em que vive, agindo e interagindo de forma participativa e transformadora. Nessa visão, Freire (1986, p.35) diz que “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la”.

Entendemos, portanto que o trabalho com a leitura deve ser uma prática constante no ambiente escolar quanto fora dele. Por meio dela, os conhecimentos linguísticos e textuais serão acionados e valorizados. Além disso, os alunos jovens e adultos serão induzidos a refletir sobre o processo de criação e veiculação dos textos lidos. Segundo Freire (1987, p. 13) “desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos lendo bem ou mal, o mundo que nos cerca”.

Partindo desse pressuposto vê-se a necessidade de enfatizar a leitura e a escrita como habilidades fundamentais do processo ensino e aprendizagem, uma vez que, é impossível ensinar ou aprender sem a constante presença da leitura e da produção escrita, pois, entendemos que o objetivo da prática do ensino de Língua Portuguesa é despertar o aluno para um mundo novo, o da construção de pensamentos, formando assim um público discente capaz de viver ativamente em uma sociedade, sendo participativo, atuante, capaz de se comunicar em qualquer ambiente, mostrando seu senso crítico, posicionando de maneira responsável nas mais diversas situações da vida, lendo e produzindo textos.

Assim, sabemos que não há fórmulas mágicas para se tornar um leitor. Há sim, estratégias capazes de se apontar caminhos que possam estimular o aluno a ler, a partir de elementos adaptados pelos sentidos ou pela intuição. A leitura é um poderoso e eficaz instrumento que amplia e diversifica as visões de mundo; de modo que nenhuma nação chega a se tornar realmente desenvolvida, com situação sócio-econômica estável, se não for uma nação de leitores engajados no processo.

Dessa forma, é preciso facilitar e promover a vontade de ler. Só se aprende a ler, lendo, por isso, o professor é o principal mediador da leitura e sua responsabilidade em escolher bem os textos a serem lidos é de fundamental importância para o ato de ler seja algo verdadeiramente importante na vida do aluno. A leitura não pode ser vista como obrigatória, mas que possibilite criar um laço de interação entre o aluno leitor e o texto, para que ele possa ler o mundo em que vive ativa e criticamente.

## **A PSICANÁLISE, SUA HISTORICIDADE E CONTRIBUIÇÃO**

Para iniciar, Psicanálise é um método de investigação que busca os significados dos atos, palavras e produções imaginárias, por meio da associação

livre, que é observada a partir da dedicada atenção definida como uniformemente flutuante, visando colher dados que ensejem uma interpretação.

Já diz Freud: “É a profissão de pessoas leigas que curam almas e educam emoções, ocupa-se dos distúrbios originados no inconsciente. Seu propósito é descobrir no inconsciente dos seres humanos as necessidades, complexos, traumas e tudo o mais que perturbe o psiquismo, trazendo-os à tona da consciência, a fim de removê-los e possibilitar, assim, o equilíbrio emocional do indivíduo”.

Para chegar a uma conclusão, resolveu Freud estudar com o psiquiatra francês Jean-Martin Charcot, que usava na época a hipnose para o tratamento da histeria. Um ano depois, filiou-se a Josef Breuer, que levava seus pacientes à catarse, solicitando deles que falassem dos seus sintomas. De suas observações, a esse tempo, Freud deduziu que, na base da histeria, o que havia eram conflitos sexuais inconscientes e a hipnose como método de tratamento era muito pobre para alcançar a cura dos vitimados pelas doenças no nível psíquico, convicções essas, levaram Breuer a separar-se de Freud.

Munido dessas experiências, começa Freud, então, a formular os métodos da associação livre (dizer, sem censura, o que quer que venha à mente) e da interpretação dos sonhos, como instrumentos técnicos de tratamento. A teoria psicanalítica foi desenvolvida pelo neurologista austríaco Sigmund Freud no fim do século XIX, início do século XX e está intimamente relacionada à prática psicoterapêutica. É uma teoria que procura descrever a etiologia dos sintomas da mente, o desenvolvimento do homem e de sua personalidade, além de explicar a motivação humana. Com base nesse corpo teórico Freud desenvolveu um tipo específico de tratamento para os transtornos mentais. Ao conjunto formado pela teoria, a prática terapêutica nela baseada e os métodos utilizados, Freud a denominou de Psicanálise.

A Psicanálise é ao mesmo tempo um modo particular de tratamento do desequilíbrio mental e uma teoria psicológica que se ocupa dos processos mentais de natureza inconsciente. E, como foi que Sigmund Freud iniciou sua técnica analítica? Tudo começou na verdade com um consultório, uma cadeira, um divã e uma atitude de interesse pelo problema do paciente que ele começou a evoluir, partindo exclusivamente de observações pessoais. Ele que era um médico neurologista em Viena, especialista em doenças nervosas, na continuação do seu esquema deu-se conta de que podia descobrir muito mais do que até então, pudera

presumir, já que, na verdade, a chave de tudo estava no *saber* ouvir o inconsciente, embora, nesse tempo, houvesse ainda muita intuição.

A partir desse convencimento, tudo foi feito com o objetivo de formular um processo terapêutico. E, o que vem a ser um processo terapêutico? Um processo terapêutico é uma série de inter-relacionamentos de fatos, que, no caso, teriam de ser psíquicos, os quais, apropriadamente instigados por processos técnicos, ensejariam efeitos terapêuticos. Com os processos terapêuticos temos a *ab-reação*, a compreensão interna, e o resgate das lembranças antigas.

Ao final do seu esforço, podemos dizer que a Psicanálise é uma forma especial de psicoterapia, embasada numa extensa teoria acerca da estrutura da personalidade (tanto normal ou como patológica), que admite que as principais forças psicodinâmicas se origina especialmente, na parte inconsciente da mente.

Portanto, podemos também dizer que a Psicanálise fundada por Sigmund Freud, como ele a distingue em níveis de conhecimento, no dizer de LAPLANCHE & PONTALIS, in *Vocabulário de Psicanálise* (2001, p. 384-850), como:

[...] A) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das projeções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.  
B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou uma análise).  
C) Um conjunto de teorias psicológicas, e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento.”

Desse modo, a Psicanálise representa um campo clínico de investigação teórica, própria, da psique humana, totalmente independente da Psicologia.

Em nossa sociedade não faltam alternativas e práticas que se propõem a fornecer respostas prontas. Para Lacan, entretanto, o analista é o único que tem a oportunidade de “responder”. E aqui se vê como Lacan é cauteloso: “não é certeza, não é garantido, mas o analista é o único que tem a chance de ser intérprete”. Mas o que é ser intérprete, como o analista interpreta, a partir do quê?

Para Lacan, sua primeira intervenção na psicanálise é para situar o Eu como instância de desconhecimento, de ilusão, de alienação, sede donarcisismo. É o momento do Estádio do Espelho. O Eu é situado no registro do Imaginário, juntamente com fenômenos como amor e ódio. É o lugar das identificações e das relações duais. Distingue-se do Sujeito do Inconsciente, instância simbólica. Lacan reafirma, então, a divisão do sujeito, pois o Inconsciente seria autônomo com relação ao Eu. E é no registro do Inconsciente que deveríamos situar a ação da psicanálise.

Esse registro é o do Simbólico, é o campo da linguagem, do significante. Lévi-Strauss afirmava que "*os símbolos são mais reais que aquilo que simbolizam, o significante precede e determina o significado*", no que é seguido por Lacan. Marca-se aqui a autonomia da função simbólica. Este é o Grande Outro que antecede o sujeito, que só se constitui através deste - "*o inconsciente é o discurso do Outro*", "*o desejo é o desejo do Outro*". O campo de ação da psicanálise situa-se então na fala, onde o inconsciente se manifesta, através de atos falhos, esquecimentos, chistes e de relatos de sonhos, enfim, naqueles fenômenos que Lacan nomeia como "*formações do inconsciente*". A isto se refere o aforismo lacaniano "*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*".

O Simbólico é o registro em que se marca a ligação do Desejo com a Lei e a Falta, através do Complexo de Castração, operador do Complexo de Édipo. Para Lacan, "*a lei e o desejo recalçado são uma só e a mesma coisa*". Lacan pensa a lei a partir de Lévi-Strauss, ou seja, da interdição do incesto que possibilita a circulação do maior dos bens simbólicos, as mulheres. O desejo é uma falta a ser metaforizada na interdição edipiana, a falta possibilitando a deriva do desejo, desejo enquanto metonímia. Lacan articula neste processo dois grandes conceitos, o Nome-do-Pai e o Falo. Para operar com este campo, cria seus Matemas.

É na década de 1970 que Lacan dará cada vez mais prioridade ao registro do Real. Em sua tópica de três registros, Real, Simbólico e Imaginário, RSI, ao Real cabe aquilo que resiste a simbolização, "*o real é o impossível*", "*não cessa de não se inscrever*". Seu pensamento sobre o Real deriva primeiramente de três fontes: a ciência do real, de Meyerson, da Heterologia, de Bataille, e dos conceitos de realidade psíquica e de pulsão, de Freud. O Real toca naquilo que no sujeito é o "*improdutivo*", resto inassimilável, sua "*parte maldita*", o gozo, já que é "*aquilo que não serve para nada*". Na tentativa de fazer a psicanálise operar com este registro,

Lacan envereda pela Topologia, pelo Nó Borromeano, revalorizando a escrita, constrói uma Lógica da Sexuação ("não há relação sexual", "A Mulher não existe"). Se grande parte de sua obra foi marcada pelo signo de um retorno a Freud, Lacan considera o Real, junto com o Objeto a ("objeto ausente"), suas criações.

No Brasil, um dos principais pioneiros da psicanálise lacaniana é MD Magno, fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, em 1975, bem como Célio Garcia, um dos primeiros a introduzir o pensamento de Lacan na Universidade, em Minas Gerais. O trabalho de Lacan exerce forte influência nos rumos do tratamento psíquico, inclusive na definição de políticas de saúde mental, especialmente no Brasil. Sigmund Freud e a psicanálise se popularizaram de tal forma que suas ideias são, muitas vezes, veiculadas de modo errôneo e distorcido, como tudo que passa por um processo de grande divulgação, em especial numa sociedade de massas como a nossa.

Assim, é preciso, antes de mais nada, esclarecer o significado dessa expressão. O que é psicanálise? Em primeiro lugar, uma teoria que pretende explicar o funcionamento da mente humana. Além disso, a partir dessa explicação, ela se transforma num método de tratamento de diversos transtornos mentais.

São dois os fundamentos da teoria psicanalítica: 1) Os processos psíquicos são em sua imensa maioria inconscientes, a consciência não é mais do que uma fração de nossa vida psíquica total; 2) os processos psíquicos inconscientes são dominados por nossas tendências sexuais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em análise ao material pesquisado, foi aplicado um questionário aos professores organizado em duas partes, a primeira relacionada ao perfil do profissional e a segunda referente aos dados profissionais e as práticas educativas.

Dessa forma, a análise feita dos dados referentes ao questionário dos professores pesquisados permitiu-nos refletir sobre alguns aspectos que envolvem as necessidades dos alunos frente ao acesso aos diferentes gêneros textuais e ao desenvolvimento do gosto pela leitura, percebendo ainda, as condições reais de ensino com os gêneros textuais e em particular os textos fábulas.

Em relação às práticas educativas vinculadas ao uso dos gêneros textuais, percebemos que os professores P2, P10 e P11 de língua portuguesa

respectivamente, afirmaram uma relevância às fábulas, contos, letras de músicas, entre outros, mas entendemos que eles percebiam a leitura de formas diversificadas, dando importância mais ao ato de ler por obrigação ao invés do incentivo pela leitura prazerosa. Um professor menciona a questão do fichamento e da produção textual, revelando uma falta de compreensão do verdadeiro sentido do aprender.

E o mais intrigante posicionamento foi uma das professoras entender que o gênero textual da sua prática pedagógica era a literatura, uma vez que “literatura” não faz parte dos gêneros, já o P11(Português) confunde totalmente gênero com tipo textual e ainda, aborda a questão de que trabalha apenas o que é possível e interessante para o aluno. Os professores P4, (geografia), P5 (história) e P8 (matemática/ciências) enfatizam a questão do entendimento do texto, esclarecendo a importância do tema, mas ao indicar os gêneros trabalhados em suas aulas, confundem gênero e com recurso.

Os docentes graduados em pedagogia também dizem ser relevantes o uso dos gêneros, mas o P3 ( pedagogia) aborda que poesia e verso são os gêneros utilizados, nos dando a ideia de que poesia é uma coisa e verso é outra. Os professores da área de geografia (P4; P12) têm uma prática marcante, pois eles abordaram a importância da poesia e dos contos, apesar de também confundirem o que é gênero. Esses profissionais embora não sabendo o que é gênero, no que diz respeito a leitura indicam um posicionamento positivo e interessante para a Educação, valorizando os contextos de vida e a realidade dos alunos, uma vez que menciona textos de circulação social e expressivos no que diz respeito às lições de vida. Observamos também professores que lecionam duas disciplinas, como é o caso de P1 e P8, ambos ensinam matemática e religião/ciências. P1 professor de matemática e religião, enfatiza que, apenas há possibilidade de utilizar gêneros na disciplina de religião, esquecendo-se da Matemática, como se cálculo também não fizesse parte de gêneros, com inúmeras possibilidades, como a problematização de uma notícia por exemplo. Em religião, o professor acredita que o único recurso é a Bíblia, como se ensino religioso fosse apenas textos bíblicos.

Diante disso, pode-se dizer que apesar dos doze professores pesquisados, possuírem graduação e uma boa parte, pós-graduação em diversas áreas do conhecimento, eles estão trabalhando os gêneros textuais, na sua maioria de maneira equivocada, havendo, portanto a necessidade de rever suas práticas

pedagógicas, para que oportunizem vivências aos alunos na sala de aula levando em consideração os diferentes textos presentes em seu cotidiano.

Portanto, mediante os dados da pesquisa conclui-se que o professor deve aliar um discurso inovador com sua prática efetiva, incorporando atividades constantes de gêneros textuais a partir das experiências do cotidiano dos alunos, a fim de que docentes e discentes adquiram uma postura crítica no processo de ensino aprendizagem, tornando-se cidadãos plenos e conscientes do seu papel na sociedade.

Ao trabalharem as fábulas com as crianças, elas desenvolvem a memorização, passando também a organizar ideias; compreender uma mensagem seja ela por meio de ilustrações, texto, escrita, dramatizações, participando ativamente do processo.

As leituras mostram que as fábulas influenciam na infância, porque permitem que a criança interaja melhor com aqueles que estão ao seu redor, deixam suas inibições e receios devido às proibições que às vezes encontram em seus lares, passam a respeitar quando alguém fala, aprendendo também esperar a sua vez de falar, além de se familiarizarem com a leitura, já que grande parte das crianças vem de uma cultura que não possui o hábito de ler, isso é uma forma de melhorar esse quadro estimulando-as à leitura por prazer, possibilitando que enriqueçam de algo que trará benefícios para o resto da vida, levando-as a sentir que existem pessoas que se preocupam com elas a ponto de deixá-las participar do mundo infantil e ao mesmo tempo promovendo seu desenvolvimento, que para Freud(1972) a contribuição da Psicanálise para a educação “afirma que o educador jamais deixará de se defrontar com a constituição pulsional da criança – que por si só já é rebelde. Logo, para que o professor possa dar conta de seu trabalho, ele deverá ser capaz de reconhecer a particularidade constitucional do educando, de inferir, a partir de pequenos indícios, o que está se passando na mente imatura daquele, de dar-lhe a quantidade exata de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade.” Isto não significa que o professor deva assumir o papel de “analista” na relação que estabelece com seus alunos, aplicando –lhes o método psicanalítico para esclarecer o papel do inconsciente em suas vidas acadêmicas. O que Freud nos sugere é que este profissional deva ter uma postura de “escuta clínica” para as demandas que seus alunos depositem na relação que estabeleçam com ele, postura esta que pressupõe uma implicação – distanciamento, o que lhe possibilitará estar

efetivamente co-presente na situação, sem perder sua especificidade e sua competência.

Assim, parafraseando Freire, o que se propõe é que a escola contribua para a formação de leitores não só da palavra, como também do mundo, contribuindo assim, para a melhoria do processo ensino aprendizagem e conseqüentemente na construção do leitor crítico, pois a lição mais importante ao concluir este trabalho é sem dúvida a afirmação de que a força motivadora do aprender a aprender com textos fábulas, que trás sempre uma lição de moral, leva o leitor a uma reflexão de modo a expressar a busca do despertar na realização do desejo privilegiando o discurso, proporcionando o aluno a refletir para o bem estar social e psíquico de forma que possa dar o melhor enquanto leitor crítico.

A fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como vêem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas. Não esqueçamos que as crianças dão vida a tudo. Para elas, o sol é vivo, a lua é viva, assim como todos os outros elementos do mundo, da natureza e da vida.

Dessa forma, através dos contos e fábulas, podemos levar as crianças a compreender que na vida real, devemos estar preparados (as) para enfrentar as coisas difíceis com coragem e otimismo para a conquista da felicidade. O maravilhoso sempre foi, e continua sendo, um dos elementos mais importantes na literatura destinada as crianças. Através do prazer ou das emoções que as estórias lhes proporcionam, o simbolismo que, está implícito nas tramas e personagens, vai agir em seu inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida.

Enfim, a psicanálise afirma que os significados simbólicos dos contos/fábulas estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. É durante essa fase que surge a necessidade da criança em defender sua vontade e sua independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos no convívio social.

## **REFERÊNCIAS**

AMARANTE, Paulo (Org.). **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

\_\_\_\_\_. Loucos pela vida: **a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

BAKHTIN. Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. 5ªed. São Paulo. Martins.2010.

BAMBERGER. Richard. **Como incentivar hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1995.

BURLINGHAM. Dorothy. **Les problèmes de l'éducateur psychanalytique**. In M. Cifali & J. Mol. 1985.

BAIETTO. Marie Claude. **Le désir d'enseigner**. Paris. PUF. 1982.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, 1998.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. **Conhecimentos de Língua Portuguesa**. Ministério da Educação. Brasília. A Secretaria. 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Temas de saúde mental**. Brasília: Imprensa Nacional, 1998.

\_\_\_\_\_. Lei 10.216, de 6 de abril de 2001. Disponível em:  
<http://www.planalto.gov.br/legisla/htm>. Acesso em: 20 fev.2006.

BRITO, Eliana Vianna. **PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza A. Cochar. **Literatura brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

CIFALI, M. & IMBERT, F. **Freud e a Pedagogia**. São Paulo, Loyola, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

FREIRE, Paulo. Medo e Ousadia: **O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo, Cortez. 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 14. ed. São Paulo, Paz e terra, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

FILLOUX, Jean C. **O Inconsciente.** São Paulo, Saber Atual, 1987.

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILLET, P. **Pour une pédagogie ou l'enseignant-praticien.** Paris: PUF. (1987).

HANS, Christian Andersen, **Eventyr og Historier / Histórias e Aventuras.** Alemanha, Gailivro, 1847.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** 4. ed.. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

KLEIMAN, Ângela B. Moraes Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade:** tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

KLEIMAN, Ângela B; SIGNORINI, Inês (orgs.). **O Ensino e a Formação do Professor:** Alfabetização de Jovens e Adultos. 2. ed.. Porto Alegre: Artmed. 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto. 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: **Teoria e prática.** 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola:** a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **A questão dos suportes dos gêneros textuais.** UFPE. Pernambuco. 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza (org). A pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa Social-Teoria, Método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTOS, Fabiano dos; ROSING, Tânia M. K. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SÃO PAULO. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: **Língua Portuguesa**. São Paulo. SEE. 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**: pesquisas x proposta. 2. ed. São Paulo: editora, 2008.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise da psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

VARGAS, Suzana. **Leitura**: uma aprendizagem de prazer. 3. ed.. Rio de Janeiro: Olímpio, 1997.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K. **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.